



Trabalhos Científicos

Título: Mortalidade Por Insuficiência Renal Crônica Em Crianças E Adolescentes Brasileiros: Um Levantamento Epidemiológico De 10 Anos

Autores: PEDRO HENRIQUE AQUINO GIL DE FREITAS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS (UFAM)), HELOÍSA AUGUSTA CASTRALI (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM)), TATIANE DUNDER DE MORAES (UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO PAULO (UNICID)), ISABELA DOS SANTOS MADRUGA (UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO PAULO (UNICID)), MARINA LUZIA DUARTE SANTOS (UNIVERSIDADE TIRADENTES), LORENA SCHWARTZ REGINATO (UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA (UNOESTE)), FERNANDA COPINSKI (UNINGÁ), MAYRA LISYER DE SIQUEIRA DANTAS (HOSPITAL INFANTIL VARELA SANTIAGO)

Resumo: Introdução: A insuficiência renal crônica (IRC) consiste em uma perda progressiva e irreversível de mais de 50% dos néfrons do paciente. Embora sua incidência em crianças permaneça parcialmente desconhecida, estima-se que gire em torno de 5 e 10 pacientes por milhão de habitantes. Objetivo: Comparar a mortalidade por IRC conforme faixa etária pediátrica e sua distribuição no Brasil entre 2010 e 2019. Metodologia: Este trabalho caracteriza-se como transversal, realizado com base em dados epidemiológicos disponíveis na plataforma DATASUS, subseção “Estatísticas Vitais”, sobre a mortalidade por IRC em crianças e adolescentes brasileiros, entre os anos 2010 e 2019. A amostra foi dividida conforme a faixa etária, quais sejam: entre 1 e 4 anos, entre 5 e 9 anos, entre 10 e 14 anos e 15 e 19 anos. Resultados: No período analisado, foram registrados 546 óbitos por IRC, sem etiologia especificada, entre crianças e adolescentes brasileiros. Observou-se que os anos de 2012 e 2016 foram os que tiveram o maior número de óbitos, ambos com 64 (n=11,7%). Dentre as faixas etárias, a de 15 a 19 anos concentrou a maioria das mortes (n=281,51,5%) e a faixa etária de 5 a 9 anos, a minoria dessas (n=74,13,6%). Com relação à distribuição da mortalidade por IRC em território nacional, os cinco estados brasileiros com maior número de óbitos ao longo destes 10 anos foram, em ordem decrescente: São Paulo (n=74,13,6%), Bahia (n=56,10,3%), Rio de Janeiro (n=47,8,6%), Minas Gerais (n=38,7%) e Maranhão/Paraná (n=30,5,5%). Conclusão: No presente estudo, foi observada alta mortalidade por IRC entre adolescentes de 15 a 19 anos. Além disso, a distribuição de óbitos no Brasil por estado não seguiu exatamente a ordem das unidades da federação mais populosas, o que pode ser atribuído à sua complexidade clínica e à heterogeneidade dos recursos terapêuticos em território nacional.